

VISÃO DO CORREIO

Jovens brasileiros ansiosos

Elas são maioria quando o tema é ansiedade. Os números vêm mostrando isso, e é preciso tentar entender as razões e evitar que fiquem ainda piores. A pesquisa nacional desenvolvida em 2023 pelo Inquérito Telefônico de Fatores de Risco para Doenças Crônicas não Transmissíveis em Tempos de Pandemia (Covitel 2023) mostrou que um terço (31,6%) de jovens entre 18 e 24 anos é ansioso, o que chancela essa geração como a líder da ansiedade entre todas as faixas etárias no Brasil. Foram ouvidas 9 mil pessoas por telefone entre janeiro e abril do ano passado, das quais 12,7% relataram terem sido diagnosticadas com depressão. Já entre as mulheres, a porcentagem é de 18,1%.

Mas o que poderia explicar essa explosão de ansiosos nos últimos anos? Para os especialistas, dois fatos estão intrinsecamente ligados. São eles: a pandemia da covid-19 e o excessivo uso de telas. Diariamente, um brasileiro gasta, em média, 9 horas e 32 minutos em frente a celulares, tablets, computadores ou qualquer outra tecnologia que emite imagens.

Se paramos para pensar que o isolamento social durou cerca de dois anos (entre idas e vindas) e que os brasileiros ocupam o segundo lugar no ranking de maiores usuários de telas do mundo, perdendo apenas para os sul-africanos, talvez consigamos entender as estatísticas envolvendo jovens e a relação entre quadros de ansiedade, síndrome do pânico, depressão e até mesmo suicídio.

O ambiente escolar, espaço de interação e troca de vivências entre crianças e adolescentes, foi transferido para um quarto habitado muitas vezes por apenas uma pessoa que se comunicava com o professor e parte dos colegas digitalmente. E muitos sequer abriam suas câmeras, ou seja,

preferiam permanecer invisíveis. Quantos pais foram obrigados a participar mais ativamente da alfabetização dos próprios filhos no pico da pandemia, quando não havia nenhuma sinalização de que a covid-19 se transformaria em doença crônica? Outro dado que mostra essa relação é que de 2019 a 2022 (fim do isolamento social) houve um crescimento de 89% de brasileiros entre 9 e 17 anos usando a internet constantemente.

Os prejuízos vieram a galope. Estudos sempre citam o conteúdo disponibilizado pelos meios eletrônicos como altamente viciante e envolvente – seja por meio de games, vídeos ou outros temas que apelam para a violência e para as bizarrices. No caso de crianças mais novas, as telas coloridas tornam-se fascinantes, o que leva os pais a adquirirem algum equipamento eletrônico para “entreter” o filho recém-chegado ao mundo digital.

Não é à toa que neurologistas, psicopedagogos e pesquisadores relatam prejuízos causados pelo uso exacerbado de telas, como pesadelos, falta de sono, angústia, problemas visuais (inclusive miopia), auditivos, de postura, transtornos alimentares, distúrbios mentais e, por que não, ansiedade. Em casos mais graves, assistimos a episódios corriqueiros de cyberbullying e, em menor grau, de estresse pós-traumático.

A dependência digital merece atenção dentro e fora de casa. O equipamento que facilita o acesso a informações e conteúdos didáticos também alimenta o vício em outros conteúdos acessados pela internet. Discussões sobre restrições ao uso de celular em sala de aula, por exemplo, não podem ser ignoradas. Incentivo a atividades ao ar livre e em grupos também não. São questões já bastante conhecidas e defendidas por especialistas, que soam até como ladainha.



» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato.
» E-mail: sredat.df@dabr.com.br

Lamas

Excelente artigo do general Régio Barros (28/5) que enfatiza, mesmo com a modernidade, ser de bom tom às empresas pública ou privadas manter sua tradição como é o caso do Restaurante Lamas. Com o passar dos anos, o Lamas buscou novas formas de atendimento ao público sem deixar de prestar ao cliente um serviço de alta qualidade que sempre foi e é sua marca registrada

» Lane Barretto
Brasília

Apesar de vocês

Chico Buarque — quem diria — acaba de fazer 80 anos e é avô. Para comemorar o fato, acaba de ser lançado um livro maravilhoso sobre ele e aqueles tempos terríveis. O autor da construção é um gaúcho arretado, Márcio Pinheiro, que tem outro livro sobre o *Pasquim*. Naqueles tempos da ditadura, Chico recebeu um cale-se! e exilou-se com a família e outras figuras conhecidas, como os novos baianos. Na época dessa roda viva, as canções políticas eram censuradas. Em seu primeiro disco (1966) está a inesquecível *A Banda*. Hoje, está tudo no Spotify: *O que será, Apesar de você, Cotidiano, João e Maria, Gente Humilde, Noite dos Mascarados*. A capa do livro é um espanto de tanta maravilha, com a foto do Chico ocupando todo o espaço em fundo escuro. Na apresentação, o autor Márcio Pinheiro lembra que “Chico Buarque foi o maior símbolo dessa perseguição cultural e política... Um deleite para fãs e não fãs, para os que viveram durante a repressão e para as novas gerações, que pouco ou nada sabem sobre o que é viver e se criar sob o autoritarismo”. O livro está em pré-venda na Amazon. Corram!

» Thelma B. Oliveira
Asa Norte

O maio negro

É fundamental o conhecimento do conto *Pai contra mãe* (1906), escrito por Machado de Assis (1839-1908), para conhecer os impactos do escravismo na formação da sociedade brasileira: “A escravidão levou consigo ofícios e aparelhos, como terá sucedido a outras instituições sociais. Não cito alguns aparelhos senão por se ligarem a certo ofício. Um deles era o ferro ao pescoço, outro o ferro ao pé; havia também a máscara de folha-de-flandres. A máscara fazia perder o vício da embriaguez aos escravos, por lhes tapar a boca. Tinha só três buracos, dois para ver, um para respirar, e era fechada atrás da cabeça por um cadeado. Com o vício de beber, perdiam a tentação de furtar, porque geralmente era dos vinténs do senhor que eles tiravam com que matar a sede, e af ficavam dois pecados extintos, e a sobriedade e a honestidade certas.

Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

Nós, seres humanos de bem, torcemos pela paz e não por essa catástrofe que está acontecendo pela ganância de uns poucos insanos. Deus, tenha piedade dos palestinos.

Grace Mel — Brasília

O ministro Fávoro não precisa ir ao Rio Grande do Sul saber os anseios da população carente, não! Sem outras despesas, adianto: abrigo, água, energia, alimentação, agasalho, limpeza...

José Eustáquio dos Reis — Asa Sul

Sou definitivamente contra as câmeras corporais na PM, desde que alguém grave a abordagem policial.

Abrahão F. do Nascimento — Águas Claras

Era grotesca tal máscara, mas a ordem social e humana nem sempre se alcança sem o grotesco, e alguma vez o cruel. Os funileiros as tinham penduradas, à venda, na porta das lojas. Mas não cuide-mos de máscaras”. Com a escravidão dos africanos que enfrentaram a diáspora, a sociedade brasileira e o território nacional foram concebidos pelos colonizadores, dispostos a humilhar, ferir, escravizar e matar para conquistar terras e o poder inerente a elas. Mesmo com o movimento abolicionista de 1888, as marcas da escravidão ainda castigam a organização da sociedade brasileira, sobretudo as relações entre os grupos étnicos e sociais que a constituem. As causas de uma escravidão — não abolida dignamente — encontram-se expressas em *A patologia social do homem branco* (Guerreiro Ramos, 1955), com *O racismo estrutural* (Silvio Almeida, 2019) e com *O fascismo da cor* (Muniz Sodré, 2023).

» Marcos Fabrício L. da Silva
Asa Norte

Recuperação

A reconstrução do Rio Grande do Sul passa, necessariamente, pela reconstrução dos lares gaúchos. A perda de móveis, automóveis, tratores, equipamentos, eletrodomésticos e utensílios foi total onde ocorreram enchentes. Da mesma forma, milhares de imóveis precisarão ser reconstruídos. Uma ideia a ser analisada é o governo federal, o estado (RS) e municípios afetados se unirem para isentar os impostos (federais, estaduais e municipais) sobre todos os itens necessários à reconstrução e reposição. Reconstruir o Rio Grande do Sul é assegurar o crescimento do Brasil, que, em breve, sofrerá as consequências da tragédia nos pampas.

» Milton Cordova Júnior
Vicente Pires

Privatizar o oceano

O comportamento antipopular do atual Congresso não é nenhuma novidade. Os conservadores legizam a favor do próprio bolso e dane-se a sociedade. Propõem leis para atender os lobistas e faturar com o atendimento de interesses que nada têm a ver com as necessidades, principalmente, das camadas mais carentes do país. Agora, eles exageram. Querem privatizar a orla marítima do país, reconhecida como terras da União. A mão grande virou gigante. Fica evidente que a tragédia vivenciada pelos gaúchos, devido aos extremos climáticos, não representa um alerta para os legisladores. Como diria um ex-presidente, “é uma chuvazinha, deixem de ser frouxos”.

» Joaquim Honório
Asa Sul



RODRIGO CRAVEIRO
rodrigocraveiro.df@dabr.com.br

Loucura criminosa

Erro trágico. Assim Benjamin Netanyahu conceituou a morte de 45 civis palestinos em um ataque brutal contra um acampamento de deslocados internamente em Rafah, no sul da Faixa de Gaza. Os vídeos que surgiram logo depois do bombardeio são danescos. Mostram seres humanos queimados vivos, bebês decapitados, o fogo se alastrando pelas barracas. No momento em que escrevo este texto, Israel acaba de realizar novo bombardeio a deslocados, matando ao menos 21. A régua do primeiro-ministro israelense e de seu governo de extrema direita é o massacre de 7 de outubro de 2023. Horrível, absurdo, deplorável, hediondo. Eu mesmo fui convidado pela Embaixada de Israel a assistir 40 minutos de morticínio, registrados pelas câmeras corporais dos terroristas do Hamas e pelo circuito de segurança. Naquela ensolarada manhã de sábado maculada pelo terrorismo, mais de 1,1 mil israelenses foram assassinados brutalmente. Nada justifica tamanha atrocidade. Depois da queda fim de semana, em 234 dias de guerra, Israel matou cerca de 36 mil palestinos. Gerações inteiras foram interrompidas para sempre. Crianças condenadas à orfandade. Mulheres sentenciadas à viuvez. Nada também justifica algo assim.

Israel sempre se remete ao 7 de outubro para alegar o pleno direito de defesa. O que é se defender? Atacar, de forma impiedosa, homens e mulheres inocentes? Cometer crimes sob a suposta legitimidade de uma operação militar? Usar tanques de guerra, caças e lança-foguetes contra a população desarmada? Achar-se nobre por avisar aos moradores que determinada área é zona de guerra, e, pouco depois, arremessar bombas e mísseis

sobre as casas, abandonadas ou não? Ignorar os apelos da comunidade internacional, talvez na esperança de obter a destruição do Hamas e a consolidação de um líder que falhou miseravelmente ao não evitar o massacre de 7 de outubro?

A matança em Rafah não é um erro trágico. É um crime hediondo. Erro trágico é fazer-se surdo ante as instâncias do direito internacional, ante os reiterados apelos de vários países pelo fim do conflito. Erro trágico é acreditar que se está acima do bem e do mal apenas por gozar do apoio de poderosos. E perder toda a noção do que é ético, legal e moral em uma guerra. Erro trágico é não calcular que o ódio planta ódio. E que, provavelmente, uma geração de recrutas do Hamas e da Jihad Islâmica estará sedenta de vingança e perpetuará o ciclo de violência no Oriente Médio, talvez por décadas. Erro trágico é acreditar que sua própria população terá segurança com a ditadura das armas.

Não fosse a coalizão de ultraconservadores e radicais, Netanyahu estaria deposto e teria que responder criminalmente por uma série de tragédias, a começar pelo massacre de 7 de outubro. Era responsabilidade dele e de seu aparato de inteligência garantir o bem-estar e a segurança dos israelenses. Era sua obrigação dismantelar complôs terroristas antes que fossem colocados em prática. De que valem os drones barulhentos que sobrevoam a Faixa de Gaza se não conseguem detectar parafusos? De que valem a famosa Mossad e o Shin Bet se não agem para evitar um assassinato em massa? Espero que a comunidade internacional abra os olhos e exija o fim dessa loucura. Uma coisa é certa: Netanyahu entrará para a história da forma mais sombria.

CORREIO BRAZILIENSE

“Na quarta parte nova os campos ara E se mais mundo houvera, lá chegara”
Camões, e, VII e 14

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Presidente

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

Valda César
Superintendente de Negócios e Marketing

VENDA AVULSA

Localidade	SEG/SÁB	DOM
------------	---------	-----

DF/GO	R\$ 4,00	R\$ 6,00
-------	----------	----------

Assine
(61) 3342.1000 - Opção 01 ou (61) 99966.6772 Whatsapp

* Preços válidos para o Distrito Federal e entorno.

Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) ou (61) 991.58.8945 Whatsapp, para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.

Anúncio
Publicidade: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp
Publicidade legal: (61) 3214.1245 ou (61) 98169.9999 Whatsapp
Classificados: (61) 3342.1000 ou (61) 98169.9999 Whatsapp

ASSINATURAS*

SEG a DOM

R\$ 899,88

360 EDIÇÕES

(promocional)

S.A. CORREIO BRAZILIENSE - Administração, Redação e Oficinas Edifício Edison Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1078

- Redação: (61) 3214.1100; Comercial: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp.



Endereço na Internet: <http://www.correioweb.com.br>
Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela AFE Agência Estado e DA Press. Tel: (61) 3214-1131



DA Press Multimídia
Atendimento pessoalmente para pesquisa em jornais e cópias:
SIG Quadra 2, nº 340, bloco I, Subsolo - CEP: 70610-901 - Brasília - DF; de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo:
Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/
sábados, das 14h às 21h/ domingos e feriados, das 15h às 22h.
Telefones: (61) 3214.1575 / 1582 / 1568.
E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.dapress.com.br